

LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E REPRESENTAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS: UM OLHAR SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO

Rita de Cassia Lorga Carnielli - UEM
Mirian Hisae Yaegashi Zappone - UEM

RESUMO: Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa intitulada *Personagens da literatura juvenil contemporânea e a configuração de grupos sociais*, cujo objetivo é realizar um levantamento do modo como diferentes grupos sociais são apresentados na narrativa juvenil brasileira contemporânea por meio da análise de seus personagens, selecionados a partir de *corpus* composto pelos textos premiados por agências autorizadas dentro do sistema literário brasileiro, a saber, a Câmara Brasileira do Livro e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), no período de 1995 a 2010. Para o recorte temático deste texto são apresentados dados específicos sobre as questões de gênero, tais como a representação de homens e mulheres em termos de sua escolaridade, orientação sexual, ocupação, posição social, lugar ocupado nas narrativas e as relações sociais privilegiadas para os gêneros.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura juvenil brasileira, representação de grupos sociais, gênero.

1. Literatura juvenil brasileira e representação

Na pluralidade das representações de mundos e de seres, a literatura pode preencher nossa necessidade de ficção e levar, como aponta Candido (1992), a um conhecimento do mundo e do ser ao representá-los na forma de um romance, por exemplo. Entretanto, a palavra representação, no caso da literatura juvenil como na da literatura em geral, deve ser aqui problematizada. *Representar*, segundo o Aurélio, significa “ser a imagem ou a reprodução de” (FERREIRA, 1995, p.564), significado semelhante ao do termo *imitação*, referido por Aristóteles ao comentar, em sua *Poética*, a natureza das composições literárias. Para esse pensador, o traço distintivo das composições literárias seria o modo pelo qual patrocinavam a imitação das coisas ou sua representação: *A epopéia, o poema trágico, bem como a comédia, o ditirambo e, em sua maior parte, a arte do flauteiro e a do citaredo, todas vêm a ser, de modo geral, imitações.* (ARISTÓTELES, 1981, p.19).

Assim, a literatura imita a realidade, representando por diferentes técnicas os diversos elementos de tal realidade – espaço, tempo, pessoas, situações, modos de pensar e de conceber a realidade etc.

A crítica literária esteve, durante bastante tempo, ocupada exatamente com os modos da imitação, ou seja, com as diferentes técnicas utilizadas pelos autores para criar suas obras. Inclusive, um dos principais papéis da crítica literária foi estabelecer alguns critérios por meio dos quais algumas técnicas eram menos ou mais valorizadas, como o fez o próprio Aristóteles ao eleger o melhor tipo de reconhecimento em uma tragédia: *O melhor tipo de reconhecimento é o decorrente das ações mesmas, produzindo-se surpresa por meio de sucessos plausíveis, por exemplo, no Édipo.* (IDEM, p.17). Assim, um grande tema dos estudos literários foi exatamente a descrição dos procedimentos de criação literária, ou seja, os modos de representação ou de imitação que a literatura efetuava no sentido aqui discutido do termo representação. Em poucas situações houve uma preocupação com os seres, situações ou realidades representadas nos livros e romances que eram objeto da teoria e da crítica literária. Em menor ou maior grau, uma preocupação dessa natureza esteve presente na crítica sociológica de orientação marxista que procurava aquilatar o caráter estético dos textos a partir do grau de fidelidade com a qual esses representavam a realidade, observando-se mais especificamente as contradições sociais, ao modo de Luckas (1994) ou Goldmman (1990).

No entanto, uma questão que se apresenta para a crítica literária e que, neste texto, se revela como problema de pesquisa não é apenas o estético, seja ele pensado em termos de distintos parâmetros, mas também o quanto a literatura e, especialmente, a literatura juvenil brasileira tem conseguido representar as diferentes realidades e os diferentes grupos sociais que configuram a sociedade brasileira. Sobre tal questão, Dalcastagnè, que desenvolveu pesquisa sobre a personagem do romance contemporâneo, pondera:

De fato, representação é uma palavra que participa de diferentes contextos - literatura, artes visuais, artes cênicas, mas também política e direito – e sofre um processo permanente de contaminação de sentido. O que se coloca hoje não é simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais (DALCASTAGNÈ, 2008, p.4).

Essa preocupação é bastante pertinente se observamos que, comumente, em nossa literatura há sempre os mesmos cenários – um mundo urbano e personagens muito semelhantes – homens e mulheres adultos, brancos, de classe média e heterossexuais, como demonstrou o estudo de Dalcastagnè (2008). Numa sociedade multifacetada por inúmeros traços sejam eles raciais, econômicos, religiosos e outros, cabe problematizar ou, ao menos, efetuar um levantamento sobre como as narrativas da literatura juvenil brasileira contemporânea, lida e difundida na e pela escola, tem efetuado a representação de grupos sociais que compõem nossa cultura e nossa população e sobre quais as implicações dessa representação no caso da formação de leitores que recebem tal literatura como um conjunto de textos de valor, mas com o qual muitas vezes pode não se identificar ou se identificar muito pouco. Como, por exemplo, são retratadas as mulheres e os homens em termos de sua sexualidade, ocupação, escolaridade etc? Sendo a literatura e, particularmente, a literatura premiada, bem cultural altamente valorizado em nossa sociedade, já que constituída em conteúdo pela escola – instituição de maior credibilidade na formação do jovem – quais visões sobre homens e mulheres ela ajuda a propagar? De que forma tal representação encontra ou não respaldo na realidade social vivida no Brasil contemporâneo? Estas são algumas questões a serem discutidas neste texto, com ênfase aos aspectos relacionados ao gênero.

2. A pesquisa e sua metodologia

Como se mencionou anteriormente, este texto apresenta dados referentes à pesquisa institucional intitulada *Personagens da literatura juvenil contemporânea e a configuração de grupos sociais* que tem como objetivo fazer um levantamento da representação de grupos sociais na literatura juvenil brasileira contemporânea. Assim, algumas observações são importantes quanto à sua metodologia. Na seleção do corpus estudado, foram consideradas as narrativas juvenis que se inserem efetivamente no sistema literário brasileiro, ou seja, aquelas que, por sua articulação entre as diferentes esferas do sistema literário, são compreendidas como literatura de valor. Nesse sentido, considerou-se literatura o conjunto de textos eleitos como textos de valor, uma vez que são avaliados por várias instâncias, instituições e vozes que lhes permitem encenar sua plena concretização material enquanto bem cultural e de consumo.

Em tal sistema, portanto, literatura abarca o conjunto de textos de reconhecido valor

estético. Para que esses textos sejam assim reconhecidos, seus autores devem patrocinar a produção material de seus textos bem como sua circulação por meio de instâncias que possam dar visibilidade à sua produção, por meio de editoras reconhecidas que promovam a produção do objeto livro e o façam chegar até seus leitores. No caso da literatura juvenil brasileira, tal processo é realizado por meio de casas editoriais que se especializam na seleção/produção de textos voltados para o público infanto-juvenil e que criaram tradição na produção desses bens de consumo como é o caso, por exemplo, da Companhia das Letrinhas, Melhoramentos, Cosac & Naify e outras.

Além disso, é necessário, ainda, que tais textos sejam alvo de práticas discursivas que coloquem em evidência suas características estéticas/textuais, temáticas diante do público especializado e leigo, como é caso da crítica especializada e da crítica não especializada, tal como revistas de ampla circulação, jornais etc. Juntamente com a crítica, importante também é a ação de instituições que possam ajudar na disseminação de tais textos, reverberando os valores construídos pela crítica. Configuram-se, em nosso país, como importantes instituições que patrocinam a literatura infantil e juvenil a própria escola, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNJIJ e a Câmara Brasileira do Livro¹, concedendo ambas prêmios a várias categorias de livros voltados para o público infantil e juvenil.

Partindo dessas considerações sobre a importância e configuração das narrativas no sistema literário brasileiro, na pesquisa *Personagens da literatura juvenil contemporânea e a configuração de grupos sociais* procedeu-se a um recorte metodológico por meio da seleção apenas das narrativas premiadas com o primeiro lugar pela Câmara Brasileira do Livro – categoria Melhor para o jovem – e com o primeiro lugar da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil num espaço temporal entre os anos de 1999 a 2009, abarcando 15 anos de produção literária para a juventude. Entretanto, para o recorte deste texto, foram trabalhados apenas os textos premiados pela Câmara Brasileira do Livro no período citado e, para que se pudesse realizar uma análise na qual fosse considerada a leitura efetiva dos livros, optou-se por acrescentar a esta amostra os livros juvenis mais vendidos pelas editoras de maior influência no mercado escolar, a saber, Editora Ática, que comercializa, também, com o nome Editora Scipione; Editora Moderna e Editora Saraiva, que também

¹Consultar o site [http://: www.cbl.com.br](http://www.cbl.com.br)

atua com os nomes Formato e Atual. Delimitando-se ainda mais o *corpus*, solicitou-se às editoras uma listagem das obras mais vendidas, portanto, acredita-se, mais lidas, no Estado do Paraná.

Assim, as obras analisadas na presente pesquisa são elencadas nas tabelas abaixo:

Tabela das obras que receberam o Prêmio Jabuti – CBL

Obra	Autor	Editora	Premiação
Nadando contra a Morte *	Lourenço Cazaré	Formato	1999
A Revolta das Palavras	José Paulo Paes	Cia das Letrinhas	2000
Chica e João	Nelson Cruz	Cosac Naif	2001
Meninos do Manguê	Roger Mello	Cia das Letrinhas	2002
Sebastiana e Severina*	André Neves	Difusão Cultural do Livro	2003
Fábulas do Amor Distante	Marco Túlio Costa	Record	2004
Duelo do Batman contra a MTV	Sérgio Caparelli	L&PM	2005
Lis no Peito – Um Livro Que Pede Perdão	Jorge Miguel Marinho	Biruta	2006
Adeus Contos de Fadas	Leonardo Brasiliense	7 Letras	2007
O Barbeiro e o Judeu da prestação contra o Sargento da Motocicleta	Joel Rufino dos Santos	Editora Moderna	2008
O Fazedor de Velhos	Rodrigo Lacerda	Cosac Naif	2009

Fonte: <http://www.cbl.org.br/jabuti/telas/edicoes-anteriores>

*Livros que obtiveram a terceira colocação.

As obras premiadas pela CBL até o ano de 2004 tinham como uma de suas categorias as obras de literatura *Infantil ou Juvenil*, não havendo premiação em separado para textos infantis e juvenis. A partir de 2005, as categorias *Literatura Infantil* e *Literatura Juvenil* foram individualizadas, de forma que, no *corpus*, as obras selecionadas entre 2005 e 2009 receberam, especificamente, o prêmio de melhor obra juvenil.

As obras *Nadando contra a morte* e *Sebastiana e Severina*, em asterisco, substituem, nos estudos ora realizados, as obras com a primeira e segunda colocações, por estas terem como personagens animais não antropomorfizados e versarem sobre temas folclóricos, portanto, terem entes da cultura popular como personagens. Salienta-se, ainda, que esta substituição foi feita também, em virtude de um dos textos premiados ser poético, o que dificultaria o estabelecimento de uma identidade para o elemento ficcionalizado – o eu-lírico de cada poema.

Tabela das obras mais comercializadas no Estado do Paraná

Obra	Autor	Editora	Publicação*
Vida de droga	Walcyr Carrasco	Ática	2007
Dona Casmurra e seu Tigrão	Ivan Jaf	Ática	2008
Anjos no Aquário	Júlio Emílio Braz	Atual	2009
Nó na garganta	Mirna Pinsky	Atual	2009
Irmão Negro	Walcyr Carrasco	Moderna	2003
Sempre haverá um amanhã	Giselda Laporta Nicolelis	Moderna	2003
Espelho Maldito	Giselda Laporta Nicolelis	Saraiva	2009
A porta do meu coração	Telma Guimarães	Saraiva	2009
Sete casos do detetive Xulé	Ulisses Tavares	Saraiva	2009
Grávida aos 14 anos?	Guila Azevedo	Scipione	2010
Um garoto consumista na roça	Júlio Emílio Braz	Scipione	2009
Pretinha, eu?	Júlio Emílio Braz	Scipione	2009

Fonte: material fornecido pelas editoras a partir de consulta realizada por meio eletrônico

*O ano refere-se ao de publicação da obra lida, não coincidindo, necessariamente, com o da primeira edição.

Após a seleção do *corpus*, foram elaboradas fichas modelos a partir das quais se coletaram vários dados sobre personagens das narrativas estudadas. As questões pesquisadas por meio das fichas de leitura foram a pertença social, religiosa, cultural,

econômica, sexual e étnica dos personagens de maior relevância na trama. Foram analisadas, portanto, 25 obras voltadas ao público juvenil brasileiro, nestas, foram consideradas 156 personagens como essenciais ao desenvolvimento da trama apresentada.

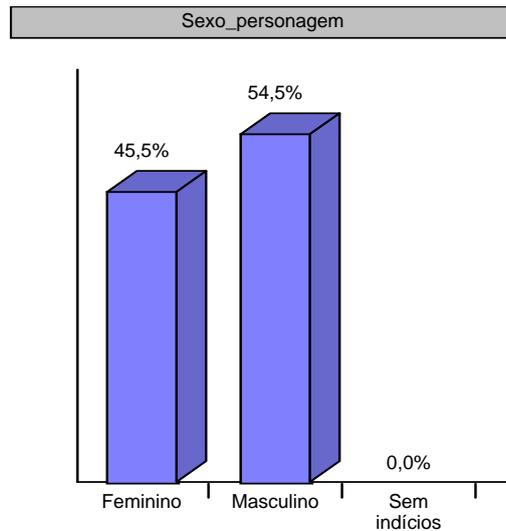
Concluída tal atividade, fez-se a leitura das narrativas selecionadas, a elaboração das fichas com dados de cada uma delas para que, finalmente, os dados fossem lançados no *Software Sphinx 5.0* adequado para o cruzamento de dados que realizou o levantamento de gráficos e tabelas sobre a configuração dos grupos sociais presentes no *corpus*. Assim, a pesquisa apresenta um caráter quantitativo, pois nela são observados dados numéricos sobre a representação de grupos sociais, cruzando-se variáveis relacionadas a questões sociais, econômicas, religiosas, raciais, educacionais étnicas e outras que se revelarem importantes sobre os personagens principais das narrativas. Após o levantamento desses dados, realizou-se interpretação dos dados para a qual se deu um tratamento qualitativo. Assim, tanto o recorte aqui apresentado quanto a pesquisa que o originou caracterizam-se como uma pesquisa descritiva, estruturada ou delineada enquanto pesquisa bibliográfica e documental, de caráter quali-quantitativo.

3. Questões de gênero no *corpus* analisado

Dentre os personagens analisados, observou-se que ora são protagonistas, ora coadjuvantes. Os narradores observadores não fizeram parte dos estudos, uma vez que se pretende entender a criação e caracterização das personagens que atuam na narrativa. Narradores personagens estão elencados de acordo com seu papel enquanto personagens atuantes na fábula.

Dentre as 156 personagens analisadas, a maioria continua sendo do sexo masculino, apesar de não haver, nas obras estudadas, uma discrepância muito grande entre o número de personagens dos dois gêneros, conforme comprova o gráfico abaixo:

Gráfico 3: sexo da personagem



Fonte: pesquisa *A personagem e a representação de grupos sociais na narrativa juvenil contemporânea: 1999 - 2009*

Embora a presença de mulheres nas fábulas não seja tão diferente em relação à participação de homens, o que ainda permanece enquanto um dado digno de nota e que precisa ser questionado é o campo de atuação ou a posição social ocupada pela personagem do sexo feminino em relação às posições sociais do sexo masculino. A mulher, indiferentemente de sua faixa etária, ainda circula muito mais na esfera doméstica, em relações de amizade ou amor do que na esfera pública ou profissional. O estigma da mulher dona de casa, mãe e esposa continua vigorando na literatura juvenil brasileira, fortalecendo os princípios ainda vigentes de que “lugar de mulher é em casa”, de que família estruturada precisa da mãe apenas como a “rainha do lar”, tal como se nota a partir da tabela a seguir na qual são apresentados dados relativos ao sexo e à ocupação das personagens nas narrativas analisadas.

Tabela 7: ocupação da personagem x sexo da personagem

Ocupacao_personagem	Não res posta	Estu dante	Dona de casa	Sem indícios	Sem ocu pação	Outros	TOTAL
Sexo_personagem							
Feminino	2	31	12	11	1	14	71
Masculino	4	32	0	18	2	29	85
Sem indícios	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	6	63	12	29	3	43	156

Fonte: pesquisa *A personagem e a representação de grupos sociais na narrativa juvenil contemporânea: 1999 - 2009*

Verificando-se os dados apresentados pela tabela, quase metade das mulheres é representada como donas de casa, as demais, quando declaradas suas profissões, normalmente têm como trabalho atividades que não exigem um grau de escolaridade elevado. As profissões citadas como ocupação de personagens femininas são: empregada doméstica (2), rendeira (2), catadora de caranguejo (2), curandeira (1), manicure (1), corretora de imóveis (1), diretora de marketing (1), professoras (3), médica (1).

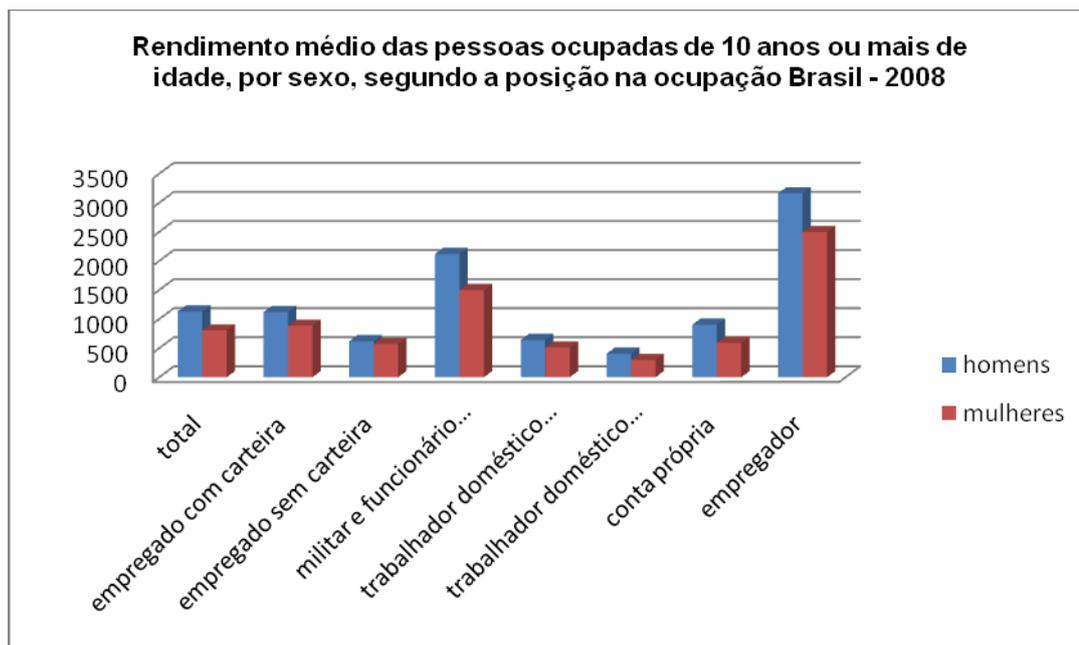
É interessante pensar acerca das profissões apresentadas como profissões dessas personagens femininas. Das que exigem uma formação escolar maior, três são professoras e apenas uma é médica e uma é diretora de marketing. Isto demonstra, ainda, o estigma de que a mulher é a responsável pela educação dos filhos. Entre as professoras, apenas uma é caracterizada como universitária. Há personagens masculinos professores, entretanto, são professores universitários, o que implica, normalmente, em uma formação acadêmica maior.

Tais aspectos estão em desencontro com a realidade brasileira, que apresenta um grande número de mulheres não apenas colaborando com o sustento doméstico, mas, muitas vezes, sendo as responsáveis por tal função. Os dados também são dissonantes em relação a pesquisas nacionais que demonstram não só a presença maciça das mulheres no mercado de trabalho, mas a grande maioria de mulheres com maior grau de escolaridade do que homens.

Apesar dos avanços sociais, sem utopias, uma vez que a realidade ainda apresenta dados de discriminação das mulheres tanto na esfera doméstica como na pública, a literatura juvenil parece não registrar ou representar em suas páginas as alterações que

encontramos na sociedade. Segundo dados do IBGE², mais de 44 % das vagas do mercado de trabalho eram, em 2007, ocupadas por mulheres, mesmo assim, o rendimento das mulheres continua sendo inferior aos dos homens.

Gráfico 4: rendimento médio por sexo no Brasil



Fonte: pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2008 - IBGE

Com relação à idade das personagens, o *corpus* analisado apresentou dados semelhantes aos de outras pesquisas realizadas sobre o tema. Há uma coincidência no número de personagens femininos e masculinos nas faixas etárias da adolescência e da idade adulta, entretanto, as personagens que se encontram na juventude são, em sua grande maioria, do sexo masculino.

Tabela 8: sexo do personagem x idade do personagem

² Dados obtidos na pesquisa mensal de empregos, principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa, publicada em janeiro de 2008, em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Retrospetiva2003_2007.pdf, acesso em 01/10/2010.

Sexo_personagem Idade_personagem	Femi nino	Masc ulino	Sem indícios	TOTAL
Não resposta	0,6%	3,1%	0,0%	3,7%
Infância	6,1%	3,1%	0,0%	9,2%
Adolescência	14,1%	14,7%	0,0%	28,8%
Juventude	1,2%	8,0%	0,0%	9,2%
Idade Madura	20,3%	20,9%	0,0%	41,1%
Velhice	3,1%	4,3%	0,0%	7,4%
Múltiplas idades	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Sem indícios	0,6%	0,0%	0,0%	0,6%
TOTAL	46,0%	54,0%	0,0%	100%

Fonte: pesquisa *A personagem e a representação de grupos sociais na narrativa juvenil contemporânea: 1999 - 2009*

Analisando-se a orientação sexual da personagem, a pesquisa demonstra que na literatura juvenil não há espaço significativo, ainda, à representação de homossexuais ou bissexuais. Nos textos estudados, não houve qualquer manifestação direta a estas categorias e, mesmo quando sem indícios, a tendência ao heterossexualismo é concreta. Como a pesquisa é de caráter individual e o *corpus* é reduzido a 25 obras, como já mencionado, não se pode afirmar a inexistência de personagens homossexuais e bissexuais na literatura juvenil brasileira, mas outras pesquisas também demonstram baixos índices de presença destes personagens.

Tabela 9: sexo do personagem x orientação sexual

Orientacao_sexual_personagem Sexo_personagem	Heteros sexual	Homos sexual	Bisse xual	Assex uado	Indefi nida	Sem indícios	TOTAL
Feminino	39,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	6,4%	45,5%
Masculino	49,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	4,5%	54,5%
Sem indícios	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
TOTAL	88,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	10,9%	100%

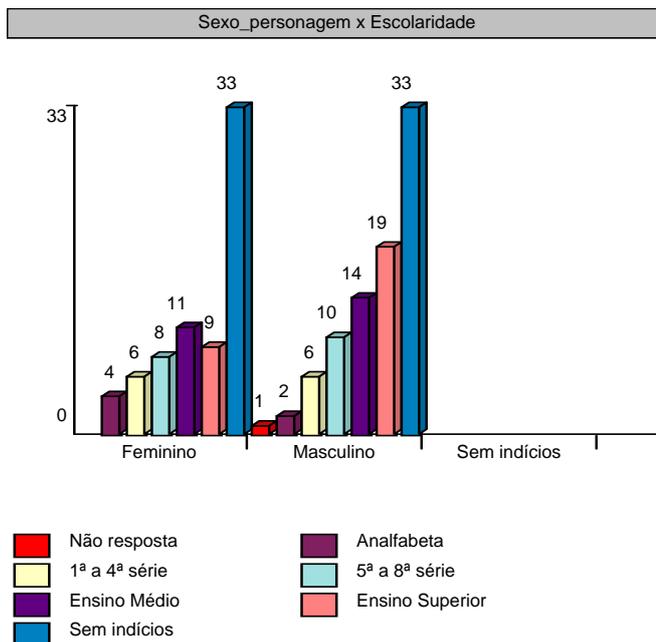
Fonte: pesquisa *A personagem e a representação de grupos sociais na narrativa juvenil contemporânea: 1999 - 2009*

Na pesquisa de Dalcastagnè (2005), que apresenta como *corpus* romances contemporâneos voltados ao público adulto, a presença destas personagens é muito pequena. Foram identificados 3,9% de homossexuais, 2,4% de bissexuais, 2% de assexuados, 1,9% de personagens consideradas indefinidas e 7,4% de inserções de personagens sem indícios de sua orientação sexual. Assim, a pesquisadora encontrou a taxa de 81% de personagens heterossexuais em seus estudos.

Ainda discutindo questões relacionadas a gênero, na pesquisa em tela, observamos que as mulheres são, ainda, caracterizadas com menor escolaridade do que as personagens masculinas, apesar de haver uma grande quantidade de personagens em que não há indícios concretos do nível de escolaridade. Em geral, as personagens da literatura juvenil brasileira contemporânea apresentam alguma escolaridade, perceptível no vocabulário utilizado, nos usos e costumes retratados, no estrato socioeconômico e no espaço maciçamente urbano ao qual pertencem.

Quando exposta, ou inferida pela ocupação profissional ou outros elementos, a escolaridade da mulher é representada, portanto, como inferior a do homem, apesar da pequena diferença, como o gráfico abaixo aponta. Assim, embora haja, em termos estatísticos quase uma equivalência entre os graus de escolaridade, deve-se notar que para todos os níveis de escolaridade, os homens apresentam uma frequência maior do que as mulheres:

Gráfico 5: sexo da personagem x escolaridade

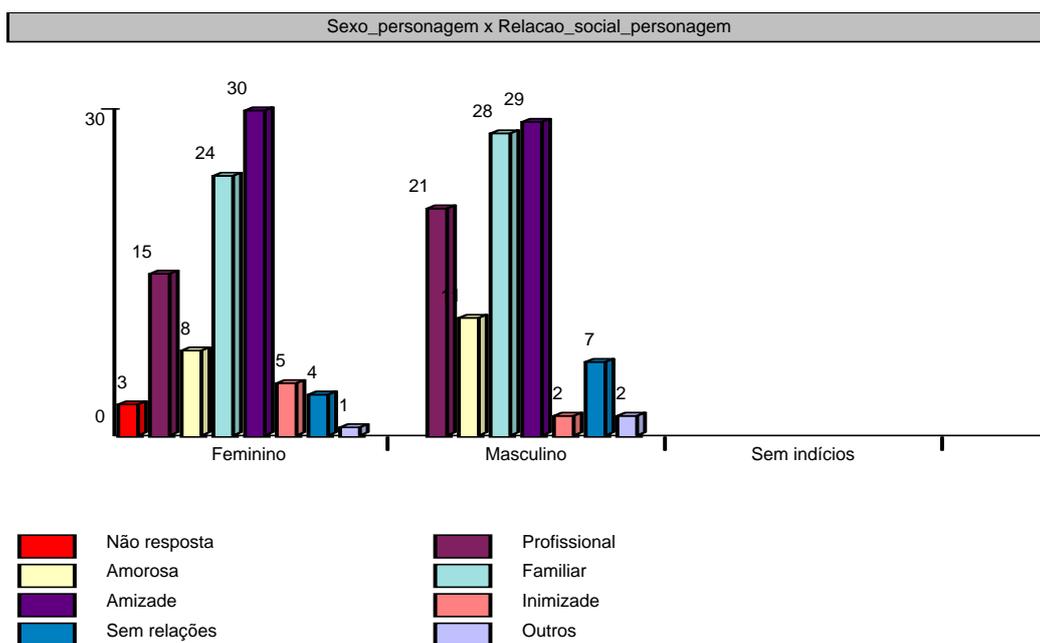


Fonte: pesquisa *A personagem e a representação de grupos sociais na narrativa juvenil contemporânea: 1999 - 2009*

Se em relação ao ensino fundamental o grau de escolaridade de homens e mulheres se equivale, é digno de nota, no gráfico, a distância entre ambos no caso do ensino superior, sendo que menos da metade das mulheres, em relação aos homens, possuem

ensino superior. Além disso, deve-se destacar que, com relação à categoria analfabeta, embora em números absolutos, há o dobro de mulheres analfabetas (4) em relação aos homens (2). Assim, há, evidentemente, uma representação das mulheres com uma condição de escolaridade menor ou inferior à dos homens. Tal representação não leva em consideração a proporção de mulheres que ingressam atualmente no ensino superior no Brasil. Dados do IBGE³ acerca da população atuante no mercado de trabalho demonstram que, entre as mulheres, 59,9% possuem 11 anos ou mais de escolaridade, enquanto 51,3% dos homens possuem a mesma escolaridade. Nas narrativas analisadas nesta pesquisa não há esta correspondência, uma vez que a inserção da personagem feminina ainda é majoritariamente no espaço privado e suas relações são retratadas com maior ênfase entre as relações de amizade ou relações familiares.

Gráfico 6: sexo da personagem x relação social da personagem



Fonte: pesquisa *A personagem e a representação de grupos sociais na narrativa juvenil contemporânea: 1999 - 2009*

Também neste gráfico, pode-se notar que há um número maior de relações amorosas e familiares profissionais masculinas, evidenciando um mundo masculino muito

³Dados obtidos em um estudo especial sobre as mulheres, disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1099&id_pagina=1 acesso em 01/10/2010.

mais rico do que o feminino, o que equivaleria a pensar que o universo masculino é mais produtivo em termos de sociabilidades, fazendo crer que os homens podem ou tem uma vivência social mais intensa e plural. Ao contrário, o universo feminino seria mais rico apenas em termos de relações de amizade, única categoria em que as relações sociais femininas suplantam as masculinas, segundo o gráfico. Também é digno de nota que, não obstante possuïrem um universo social menos rico do que o masculino (menos relações amorosas, profissionais, familiares e outras), as mulheres possuem – mais do que o dobro – relações de inimizade maiores do que a dos homens, reforçando o clichê popular de que mulheres são mais bélicas do que homens e que “gostam de confusão”, como se diz no jargão popular. Enfim, este gráfico sinaliza, pontualmente, uma representação empobrecida do universo social feminino em relação ao masculino, evidenciando uma imagem de mulher que, se encontra ou não, ecos na realidade, deve ser questionada.

4. Considerações finais

Embora a presente pesquisa tenha partido de um universo ficcional, pois trabalhou com *corpus* constituído por narrativas juvenis brasileiras e contemporâneas, os dados encontrados com relação às questões de gênero não se invalidam como poderia pensar um leigo, por se tratar de matéria ficcional, ou de histórias inventadas pela imaginação. A esta inquietação deve-se responder que a literatura enquanto arte da palavra é, antes de mais nada, mimese e representação, pois tem como matéria prima, a própria vida, fazendo-nos, portanto, conhecê-la de modo mais completo do que a nossa experiência concreta. Assim, por ser arte, a literatura condensa, por meio de seus elementos criativos e por meio das diferentes formas de figuração mimética, uma dada realidade. Esta, por sua vez, traz imbricada em si visões sobre o mundo e os seres. Assim, um autor, ao produzir sua arte, fala em nome destes seres que faz representar.

Nesta perspectiva de que literatura é representação, que visões ou retratos de homens mulheres a literatura juvenil brasileira contemporânea tem apresentado? Como se observou pela análise de dados, o *corpus* em questão apresenta um número semelhante de mulheres e de homens, com certa prevalência das figuras masculinas. Homens e mulheres são retratados em faixas etárias bastante semelhantes, com prevalência da faixa etária adulta. Também é digno de nota que há uma ênfase no universo juvenil masculino, fazendo

crer que a literatura juvenil, ao menos nesta amostra, privilegiou, mais uma, vez o mundo dos homens.

Com relação à orientação sexual dos personagens, houve um predomínio absoluto das relações heterossexuais (88,5%), fazendo crer que, na literatura escrita para adolescentes, diferentes orientações sexuais não são consideradas, uma vez que nenhum personagem foi assim caracterizado.

Embora as mulheres tenham, em média, graus de escolaridade maiores do que os homens, nas narrativas analisadas, houve uma inversão deste dado. Assim, a representação do feminino elaborada nestes textos constitui a mulher com uma escolaridade menor do que a do homem, constrói relações sociais menos ricas e produtivas em termos de sociabilidades, tendendo a situá-la dentro dos espaços domésticos, representando-a quase sempre em profissões minoritárias e de menor impacto social (curandeira, manicure, doméstica etc). Os homens por sua vez, são retratados como mais escolarizados, atores de relações sociais mais ricas (relações amorosas, familiares, profissionais, amizade etc), fazendo crer num universo masculino mais atraente do que o feminino.

Homens e mulheres são, portanto, representados de formas bastante diferentes nos textos desta pesquisa. Embora a sociedade brasileira tenha dado passos gigantes em termos da participação feminina (mulheres participam ativamente em todos os setores sociais, em gama diversificada de profissões, inclusive na esfera pública), a literatura escrita para jovens parece não ter incorporado tais mudanças e registra ou representa mal o universo feminino. Prevalece nela, ainda, uma visão tendenciosa para masculino.

Como pondera Dalcastagnè (2008, p.2), “reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas.” Ora, se o reconhecimento na literatura leva à legitimação de identidades, cabe questionar a literatura escrita para jovens em termos de quais identidades ela tem legitimado. Quanto às questões de gêneros, parece que seu discurso tem tendido para a legitimação de uma forma do masculino e de uma forma de feminino que encontra poucos ecos na realidade brasileira. No entanto, dado seu valor social enquanto objeto artístico no campo literário (seja pelo prêmio de melhor literatura para o Jovem, da Câmara Brasileira do Livro, seja por terem grande acolhida junto ao público), e seu papel crucial na formação de leitores, é de fundamental importância que se questionem tais representações e a própria literatura enquanto instituição, já que tem se



caracterizado como espaço privilegiado de expressão de alguns grupos, excluindo outros, ou patrocinando deles representações que exprimem uma valoração negativa em relação à cultura dominante.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. A personagem do romance. In: ROSENFELD, A et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- FERREIRA, A. B. F. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. São Paulo: JEMM Editores, 1995, p.564.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1981, p.19.
- LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Almedina, 1994
- GOLDMANN, L. *Sociologia do romance*. Tradução de Alvaro Cabral. Paz e Terra. São Paulo, 1990.
- DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: *Cronópios* – portal de literatura e artes. <http://www.cronopios.com.br/anexos/regina_dalcastagne.swf>. Acesso: 05/08/2008.